



AS PRÁTICAS DE VIDA NOS DISTRITOS TÊXTEIS URBANOS: ENTRE BOM RETIRO E SENTIER

Jaqueline Zarpellon¹ e Stephanie Silveira Guerra de Andrade²

INTRODUÇÃO

A moda, enquanto um segmento da indústria e comércio se insere na cidade diretamente ligada às práticas de vida a que se relaciona. No desenrolar das dinâmicas sociais, os eixos de produção e venda de vestuário procuram atender quem mora, trabalha, estuda ou circula como passante ou ainda frequentador. As motivações de instalação de determinadas economias da moda se diferem em diferentes distritos urbanos ao redor do mundo, ajudando a explicar modos de vida instaurados na urbe.

No cenário plural de grandes metrópoles, escolhemos duas delas que nos instigam a reflexão acerca da formação e permanência de suas práticas. Para esse artigo, especificamente, recortamos a região do Bom Retiro – em São Paulo, capital, e o bairro do Sentier, situado na capital francesa, Paris.

A partir de narrativas construídas baseadas em estudos sobre o atacado e varejo, com suas especificidades de geolocalização, se pergunta acerca de como se encadearam os tempos e práticas nesses distritos têxteis diante da tamanha transformação que a moda passa. O alcance da indústria chinesa é sem dúvida um ponto salutar, mas não o único. Do mesmo modo que as dificuldades surgiram, esses distritos se transformaram através de reescrituras e apagamentos, com suas nuances, as quais esmiuçaremos a seguir.

Para sedimentar essa tomada e responder aos questionamentos acerca da cronologia dos distritos urbanos têxteis, que ao mesmo tempo diferentes, guardam suas similaridades de forma - muito embora em continentes opostos - nos apoiaremos na semiótica francesa, com as postulações de Greimas (1976) em sua base teórica formulada no Percurso Gerativo de Sentido, corroborando as teorias da Semiótica Plástica (Oliveira) em

¹ Mestra em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, coordenadora do Atelier de Pesquisa Semiótica, Moda e Consumo do CPS | PUC-SP, atua com varejo e atacado de moda, e desenvolvimento de produtos de moda feminina.

² Possui graduação e mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo, onde atualmente desenvolve pesquisa de doutorado. É pesquisadora do Laboratório para Outros Urbanismos (FAU-USP) e do Atelier de Pesquisa Semiótica, Moda e Consumo (CPS PUC-SP).



conjunção a arquitetura e a cidade, amarradas pela estética que vai das peças de vestuário, passando pelas vitrinas, ruas, e pelo todo dos bairros analisados.

PARTE I

Anteriormente ao surgimento da indústria e do comércio de roupas prontas, as pessoas eram responsáveis pela fabricação das próprias vestimentas, sendo que de forma geral as classes altas as encomendavam a alfaiates, costureiras e modistas enquanto as classes baixas as produziam elas mesmas. Dentre as rupturas nos modos de vida ocorridas nos séculos XVIII e XIX decorrentes de revoluções democráticas e industriais, a transferência de grande contingente populacional do campo para a cidade é a que mais se relaciona ao desenvolvimento da indústria e do comércio de roupas prontas (Crane, 2006; Green, 1997; Grumbach, 2009).

O cotidiano na cidade pressupõe maior separação entre as esferas da casa e do trabalho e cria necessidades de consumo de bens não duráveis, dentre os quais se encontra os itens do vestuário. Fábricas de pequeno, médio e grande porte produtoras de roupas se concentram em determinadas áreas do território metropolitano, configurando distritos têxteis urbanos. Essa categoria de ocupação sócio espacial é constituída por bairros centrais caracterizados pela especialização têxtil protagonizada por comunidades imigrantes.

Green (1997) caracterizou o setor têxtil como uma “indústria de passagem”, na qual diversos grupos étnicos recém-chegados em contextos urbanos abrem seus primeiros negócios a partir de estruturas mínimas de funcionamento, frequentemente empregando conhecidos e familiares. O relativo pequeno custo necessário para o investimento inicial é um facilitador, e processos rápidos de ascensão social abrem espaço para novos grupos de estrangeiros, pois é comum trabalhadores se tornarem patrões e a segunda geração não dar continuidade aos negócios. Assim, apesar de existirem não imigrantes trabalhando na indústria têxtil e imigrantes que trabalham em outros setores da economia, a indústria do vestuário é importante exemplo das redes de imigrantes em ação nas cidades.

O baixo capital inicial e a estrutura enxuta exigidos para seu funcionamento explicam em parte a permanência do setor têxtil na cidade. Os processos de metropolização ocorridos em diversas cidades ao longo do século XX favoreceram a atividade comercial em detrimento da industrial, fazendo com que determinados setores da indústria saíssem das grandes cidades (Green, 1997). A fabricação de roupas prontas não segue essa tendência



pois setores dessa indústria permanecem na urbe e se concentram em determinadas porções de seu território.

Os distritos têxteis urbanos caracterizam-se não apenas pela resiliência industrial, mas também pela presença do comércio junto à fábrica, exemplificada aqui nos casos do Sentier em Paris e do Bom Retiro em São Paulo. A lógica presente nos imóveis do Sentier e do Bom Retiro é a mesma: venda no térreo; escritório, estoque e etapas da produção nos andares superiores.

Ambos os bairros são conhecidos pela produção e comércio de roupas a preços relativamente acessíveis e possuem um modo de produção que se contrapõe aos do *fast fashion*, do prêt-à-porter de luxo e da alta costura. Ao baixo preço das roupas lá comercializadas corresponde seu baixo custo de produção, cuja manutenção pode ser explicada pela concentração espacial da cadeia econômica da moda. Assim, são encontradas nesses bairros, além das lojas de roupas, estabelecimentos especializados na venda de armarinhos, botões, etiquetas, linhas, tecidos, máquinas de costura e de todos os outros materiais e máquinas necessários para a fabricação de roupas. Ou seja, as confecções instaladas no Sentier e no Bom Retiro podem contar com uma logística favorável em termos de custo de transporte, uma vez que existe a possibilidade de agregar geograficamente produção (mesmo que não em sua totalidade), venda e fornecedores³.

Além disso a proximidade garante que o produto entre rapidamente no mercado, algo fundamental para acompanhar a rapidez e a volatilidade típicas do mercado de moda. Tal rede de comércio e serviços especializados em determinado ramo de produtos é denominada *cluster* e não se restringe aos setores têxtil e de confecção.

O cluster do Bom Retiro representa uma condição favorável não apenas aos produtores e comerciantes, mas também aos clientes, uma vez que nele são encontrados também lojas de acessórios, bijuterias e calçados. Isso porque o bairro apresenta, desde meados da década de 1970, uma economia mista de atacado e varejo, ou seja, ele é frequentado também por clientes finais. A modalidade clássica de venda praticada nos distritos têxteis urbanos é o atacado. Devido às suas localizações centrais em grandes metrópoles, são centros de abastecimento que incidem nas escalas metropolitana, regional e nacional⁴. Comerciantes e representantes de todas as regiões do Brasil e da França fazem visitas regulares ao Bom Retiro e ao Sentier, respectivamente, para abastecer as lojas sediadas em suas cidades natais.

³ A possibilidade de custo zero de transporte produção-venda não quer dizer que todas as empresas instaladas nesse tipo de bairro possuem tal configuração. Há marcas representadas apenas por seus pontos de venda, ainda que normalmente suas fábricas localizam-se nas proximidades. No caso do Bom Retiro, há marcas que possuem loja no “Alto Bom Retiro” -região mais valorizada comercialmente por ser mais próxima do centro da cidade e de duas estações de trem- e fábrica no “Baixo Bom Retiro” -região mais



Se por um lado a centralidade geográfica possibilita redução de custos, por outro ela representa restrição de espaço. O preço da terra em áreas centrais de grandes metrópoles é alto, o que torna extremamente incomum a instalação de indústrias de grande porte. Assim, na contemporaneidade, Bom Retiro e Sentier são majoritariamente ocupados por indústrias de pequeno porte. A grande valorização fundiária desses bairros acarreta uma ocupação densa, caracterizada, nos dois casos, por sequências de estreitos lotes de prédios baixos sem recuos frontais e laterais entre eles.

Se as respectivas materialidades apresentam conformação similar na organização produtiva do espaço e na escala urbana, elas não o fazem na escala do edifício. O Sentier é formado por um conjunto arquitetônico típico do fim do século XVIII e início do XIX. Trata-se de edifícios de quatro a seis andares com linguagens provenientes de diferentes correntes do neoclassicismo, originalmente concebidos como estritamente residenciais. Com o advento da especialização têxtil, os espaços construídos foram sendo adaptados às atividades relacionadas às confecções. Os espaços térreos foram ocupados por lojas e os andares superiores por ateliês de produção de roupa.

Já a paisagem contemporânea do Bom Retiro remonta, em sua maioria, ao período de 1945 a 1959. Tal qual a consolidação do bairro enquanto região especializada na produção e venda de roupas prontas ocorreu em um contexto de afirmação da indústria paulista na economia nacional, a construção dos edifícios para o funcionamento das confecções ali instaladas se deu paralelamente ao primeiro ciclo de verticalização e disseminação de edifícios de arquitetura moderna em São Paulo. A despeito disso, a arquitetura edificada nesse período no Bom Retiro e em outros bairros do cinturão central de São Paulo é distinta daquela consagrada pela historiografia da arquitetura moderna brasileira. Trata-se de edifícios estreitos, de poucos pavimentos, que possuem linguagem racional e ausência de ornamentos. No entanto, não se encaixam totalmente no receituário modernista, pois não apontam para a separação entre rua e lote e frequentemente misturam usos comerciais e industriais (Andrade, 2018).

próxima do rio Tietê cuja ocupação é constituída de terrenos maiores e mais apropriados para as instalações industriais.

⁴ Segundo dado de 2015 da Confederação de Dirigentes Lojistas do Bom Retiro, neste ano as confecções do bairro representaram mais de 55% da produção nacional de roupa feminina.



O Sentier é um bairro parisiense localizado no centro da cidade e delimitado pelas ruas Montmattre e Réamur e pelos bulevares Poissonnière e Bonne Nouvelle. Durante a Idade Média era tido como a região mais perigosa de Paris por abrigar bandidos, ladrões e prostitutas. No século XVIII o bairro passa por uma grande renovação na qual são construídos a maioria dos edifícios que compõem sua paisagem contemporânea, erguidos originalmente para uso residencial. É no mesmo século que se inicia a relação do Sentier com a indústria têxtil, precisamente quando a Companhia Francesa das Índias, empresa colonial importadora de tecidos da Índia, lá instala sua sede, atraindo para a região outras empresas do ramo. É a partir dessa época que nasce a reputação do bairro como centro de produção de moda de Paris.

Comerciantes de diversas regiões do interior da França foram os primeiros representantes de tecidos a ocupar o bairro. No início do século XX, judeus orientais e armênios começaram a se instalar e abrir as primeiras oficinas de roupas prontas, que tal qual no Bom Retiro, se desenvolveram e tornaram-se confecções. A partir dos anos 1960 vieram judeus da África do Norte que, como seus antecedentes, começavam como vendedores e depois migravam e/ou estendiam as atividades para a produção. Os anos 1980 e 1990 são tidos como a época próspera da história recente do bairro, com intensos fluxos de pessoas, mercadorias e capital. Já partir dos anos 2000, considera-se que o polo têxtil e de confecções do Sentier está em contração. Uma das razões mais apontadas pelos comerciantes é a difícil concorrência com os produtos chineses, a partir principalmente da supressão, por parte da União Europeia, das taxas de importação sobre as roupas e tecidos chineses. As tradicionais confecções e lojas de tecido começaram a ceder lugar a showrooms com vitrines bem trabalhadas. Os ateliês nos andares superiores tornaram-se mais raros e muitos apartamentos tiveram retomados suas funções originais de residência. Escritórios de informática começaram a surgir e atualmente o Sentier é conhecido não apenas por ser o maior centro de atacado de moda da França, mas também por sua recente vocação digital.





Imagem 1: Rua José Paulino, Bom Retiro, São Paulo. Foto: Stephanie Silveira Guerra de Andrade (2017).





Imagem 2 : Rue d'Aboukir, Sentier, Paris. Foto: Stephanie Silveira Guerra de Andrade (2019).

PARTE II

Diante desse cenário de inúmeras transformações complexas se constroem em articulação dos mecanismos sociais, políticos e econômicos, os desdobramentos de práticas que se relacionam aos valores de tradição e modernidade. Se por um lado, a indústria da moda nessas localizações se mantém, guardando seus traços do fazer a moda, ao concentrar sua cadeia produtiva, e seus modos de ser arquitetônicos, há um eixo oposto que se fortalece, modernizando suas práticas, estética e em outras esferas, como a econômica. Entre o novo que surge com a modernização, e o antigo, que mantém, mas nem sempre preserva, há inúmeras possibilidades de manutenção e reinvenção das práticas.





Enquanto a reinvenção do Sentier se dá por outras esferas das práticas de vida, que não a da moda enquanto vestuário, propriamente, o Bom Retiro se reinventou em suas práticas atacadistas com a modernização de suas ruas principais nesse segmento na virada do século XXI. Entretanto, seus traços arquitetônicos dos anos 80, quando em alguma medida se moderniza seu varejo, se mantêm até hoje. O Sentier, por sua vez, se modifica com a chegada de novos restaurantes, bares, moradores jovens e um estilo de vida que é conhecido como *bohème-bourgeoise*⁴, ou popularmente *bo-bo*.

A moda que se mantém no Sentier é uma moda que no passado abastecia cidades aos arredores de Paris, e outros países próximos, como Portugal e Espanha. Com a introdução do mercado chinês e novos modos de produção, esse polo têxtil vai da estabilidade ao parcial declínio, mas se mantém legitimado pelo status da “moda francesa”, e segue abastecendo o interior da França.

Nas vitrinas do Sentier são notadas marcas que reforçam a moda parisiense como símbolo de status. Seja em linguagem escrita, tanto como desenhos e outros traços, a referência a capital da moda se destaca, mesmo se tratando de uma região inserida na cidade, mostrando-se necessária a legitimação.

Enquanto fenômenos de consumo contemporâneos, as lojas de vestuário dentro dos distritos têxteis urbanos criam sua significação através das periódicas mudanças pelas quais passam ao longo do tempo. Mudanças essas ditadas por novos modos de vida, e que se relacionam aos espaços urbanos.

A tipologia que se assemelha em ambos os distritos, na constituição de sua estética – o dentro e fora dos espaços das lojas, e a arquitetura a qual se insere e à qual pertence, nos fazem ver modelos de negócio que apesar da modernização dos modos de produção em várias partes do mundo, e do surgimento de novos polos de comercialização de produtos têxteis, se mantem por quê se relaciona com seu público alvo em permanência. Ou seja, a moda se reinventa mas os valores tradicionais que marcam o Sentier e a região do varejo do Bom Retiro seguem, enquanto o atacado desse se reinventa na velocidade de grandes centros de moda – Londres, Milão, Paris, Nova York -, especialmente relacionados a marcas do mercado de luxo,

Da concepção das principais marcas do Sentier, que datam os anos 1980, a comercialização e os controles de verificação, se mantem a coerência de imagem e tipologia anos atrás instauradas, nos levando a crer que se comunicam com marcas que as

⁴ O termo tem origem francês e na tradução literal, o termo corresponde à “burguesia boêmia”.





revendem valorados pela tradição. Em oposição, a modernidade, se apresenta nos eixos atacadistas do bairro do Bom Retiro.

Nesse jogo semiótico do espaço, as qualidades sensíveis – visuais, sonoras, térmicas, olfativas – através das quais o mundo se manifesta, tornam a realidade significativa. Esses valores estéticos na relação aos éticos, constituem pelos sujeitos e os elementos, a transformação do espaço. Os deslocamentos da cidade, nos seus diversos fluxos, especialmente os migratórios apontados pela pesquisa, nos dois bairros, são significantes de seu teor de transformação ao longo dos anos.

Os espaços de venda, ao escolherem manter suas narrativas semelhantes ao passado – a exemplo do Sentier e varejo do Bom Retiro, assumem a continuidade de seus programas narrativos, e das proximidades contratuais que outrora elegeram e se mantem. Em contrapartida, ao arriscar-se numa nova posição de mercado, fazendo as modernizações que acredita necessária, o atacado do Bom Retiro passa a atrair novo público ou ainda se reinventa para acompanhar as transformações do seu público alvo já fidelizado.

Se as lojas são universos de expansão das marcas, e no setor atacadista, especialmente, coprodutoras junto as marcas que as revendem, na re-enunciação do objeto, temos a identidade como uma estratégia de valor, e, portanto, performances sedimentadas para a sanção dos fazeres de quem compra e quem revende.

Os estilos de consumo poderiam então ser entendidos enquanto estilos discursivos que regulamentam uma práxis enunciativa. A identidade como estratégia. Na experiência de todos os sujeitos – físicos e jurídicos – consumidores competentes, cada compra, cada procura, cada olhar atento às vitrinas, revela em si seus modos de viver os espaços de compra e seus modos de transpor discursos e práticas. Entre o desejo de se modernizar, custos e modos antigos de se vender, que serão ditados pelos valores e reais necessidades.

Antigo e atual. Velho e Novo. Obsoleto e moderno.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Stephanie S.G. *Indústria e comércio de moda no centro de São Paulo: Rua José Paulino (1928-1980)*. 2018. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

BELUSSI & GOTARDI. *Evolutionary patterns of local industrial systems – towards a cognitive approach to the industrial district*. Aldershot, England: Ashgate Publishing Ltd., 2000.



CALLIL, Victor. *Cadeia Produtiva e Mercado: um estudo sobre a produção e a venda de moda varejista na cidade de São Paulo*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2014.

CÔRTEZ, Tiago Rangel. *Os migrantes da costura em São Paulo: retalhos de trabalho, cidade e Estado*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2013.

CRANE, Diane. *A moda e seu papel social*. São Paulo: SENAC, 2006.

DEMETRESCO, Sylvia. *Vitrina. Construção de encenações*. São Paulo: Educ, 2001.

FELDMAN, Sarah. *Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)*, in: LANNA, Ana Lúcia Duarte; LIRA, José Tavares Correia de; PEIXOTO, Fernanda Arêas; SAMPAIO, Maria Ruth do Amaral (Orgs.). *São Paulo, os Estrangeiros e a Construção das Cidades*. São Paulo: Alameda Editorial, 2011.

FELDMAN, Sarah. *Bom Retiro: bairro múltiplo, identidade étnica mutante*, in: Anais eletrônicos, vol.15. Encontros Nacionais da ANPUR. Disponível em:

<<https://docplayer.com.br/19891878-1158-bom-retiro-bairro-multiplo-identidadeetnica-mutante.html>>. Acesso em: 05.04.2016. Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Recife, 2013.

GARCIA, Renato e CRUZ – MOREIRA, Juan. *O Complexo Têxtil Vestuário: um cluster resistente*. In: AMITRANO, C. R. et alli. *Caminhos para o centro – estratégias de desenvolvimento para a região central de São Paulo*. Emurb, São Paulo, 2004.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Semântica Estrutural: pesquisa e de método*. Tradução: Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1976.

_____; Courtès, Joseph. *Dicionário de Semiótica*. Tradução: A. Dias Lima, et al. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

_____; *Semiótica figurativa e semiótica plástica*. Tradução de Ignácio de Assis Silva. In: Oliveira, Ana Claudia de, (org). *Semiótica Plástica*. São Paulo: Hacker-CPS, 2004.

GREEN, Nancy. *Ready-to-Wear and Ready-to-Work: A Century of Industry and Immigrants in Paris and New York*. Durham: Duke University Press, 1997.



GRUMBACH, Didier. *Histórias da Moda*. São Paulo: Cosac & Naify, 2009.

JARNOW, Jeannette Abelow. *Inside the fashion business*. New York: John Wiley, 1966.

KONTIC, Branislav. *Aprendizado e metrópole: a reestruturação produtiva da indústria do vestuário em São Paulo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH / USP, 2001.

LANDOWSKI, Eric. *Interações arriscadas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.

PEZZINI, Isabella; CERVELLI, Pierluigi. *Semiótica e consumo: espaços, identidades, experiências*. Tradução de Paolo Demuru. Galáxia, São Paulo, n.13, p. 29-45, jun 2007.

VERRET, R. *The textile industry at the turn of the century: a global vision*. s/l: Werner International, 1998.

ZARPELLON, Jaqueline. *Interações, sentidos e riscos no atacado de moda do Bom Retiro, São Paulo: a diferenciação da rua Aimorés*. 2017. Dissertação (Mestrado em

Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Sites visitados <https://www.anousparis.fr/a-voir/lhistoire-du-quartier-du-sentier-en-3-lieux-emplématiques/>. Acesso em 15 de junho de 2019.

<https://medium.com/@storyweaving/le-sentier-histoire-d-un-quartier-f812278989a6>.

Acesso em 15 de junho de 2019.

